

CARTAS PORTUGUESAS: SUJEITO E LÍNGUA IMBUÍDOS DE AMOR

Priscila Finger do Prado *

Querer escrever o amor é afrontar o *atoleiro* da linguagem:
esta região desesperada em que a linguagem é
ao mesmo tempo muito e muito pouco.
(Barthes)

RESUMO: *Este trabalho objetiva a análise da subjetividade nas **Cartas portuguesas**, de Mariana Alcoforado, uma subjetividade que se quer amorosa e, por isso, contraditória. Para realizar-se tal análise, buscou-se uma leitura discursiva do objeto de análise, procurando-se traços que justificassem a hipótese de uma subjetividade amorosa inscrita nas cartas da sóror portuguesa.*

PALAVRAS-CHAVE: *Cartas portuguesas, subjetividade, discurso amoroso*

ABSTRACT: *This study intends an analysis about the subjectivity on the **Cartas portuguesas**, by Mariana Alcoforado. To make this analysis, it search a discursive lecture, to find some traces that justifies an hypothesis of a love subjectivity on the Portuguese daughter's letters.*

KEYWORDS: *Cartas portuguesas, subjectivity, love discourse*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho, resultante da disciplina “Subjetividade e discurso”, do Mestrado em Estudo Lingüísticos, da Universidade Federal de Santa Maria, objetiva analisar a subjetividade das **Cartas portuguesas**, atribuídas a Mariana Alcoforado. Para isso, buscamos as leituras de Benveniste (1995), Orlandi (2003) e Pêcheux (1997), a fim de embasarmos nossa leitura sobre subjetividade e discurso, além da leitura de Barthes (2003), que nos propiciou um embasamento sobre o sujeito e o discurso amoroso, propriamente ditos.

A escolha de tais leituras deve-se a importância que cada um desses autores alcançou diante desse tema. A Benveniste é atribuída a célebre volta do sujeito aos estudos lingüísticos, como centro mesmo desses

* Priscila Finger do Prado é graduada em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria e especializanda em Literatura Brasileira pelo Centro Universitário Franciscano.

estudos. Já Pêcheux e Orlandi nos trazem a idéia do sujeito não mais como centro ou dono do dizer, mas um sujeito incompleto e contraditório, uma vez que agem sobre ele as formações ideológicas, através das formações discursivas, as condições de produção de seu discurso, e inclusive, uma parte de si, sobre a qual não tem nem conhecimento, nem domínio: o inconsciente.

A leitura de Barthes, no entanto, é nos importante devido a sua especificidade diante do objeto de análise escolhido, ou seja, Barthes aponta e descreve fragmentos de um discurso amoroso, o discurso do sujeito Werther, da obra de Goethe, de forma que o texto que selecionamos para este trabalho também se trata de um discurso amoroso, um outro discurso amoroso, de uma sóror a seu amante.

Em vista disso, iniciamos nosso trabalho com uma leitura da subjetividade em Benveniste, tentando demonstrar como ela apareceria na obra de Alcoforado; partimos para uma leitura discursiva da subjetividade, com Orlandi e Pêcheux; e, por último, apresentamos uma análise do texto, tentando trazer a tona os conceitos de subjetividade apresentados, além de buscarmos apontar também algumas das peculiaridades desse discurso, o modo como o indivíduo nele se subjetiva, e a maneira como o texto é tomado pela discursividade do sentimento amoroso.

O SUJEITO E A LÍNGUA DE BENVENISTE, CERCADOS DO AMOROSO SENTIMENTO

O conceito de subjetividade em Benveniste aponta para a capacidade de o indivíduo se propor como sujeito na língua. Assim, segundo Benveniste (1995:288), “a linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda designando-se como *eu*.”, de forma que, ainda na opinião do autor, um sujeito somente se afirma como tal – ou seja, como *eu* —, se estiver em face de um *tu*, já que, nas palavras de Benveniste (1995:286): “A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste”.

Dessa forma, ao analisarmos a subjetividade nas **Cartas portuguesas**, atribuídas à sóror Mariana Alcoforado, observamos que se tem na posição de sujeito a freira Mariana, que se dirige a um *tu*, seu amante francês ausente, sendo que tal apropriação da língua é explícita em todo o texto, lembrando-se que se trata de uma carta, e também que as pessoas do discurso são expressas pelos pronomes *eu* e *tu*, sendo terceira pessoa, ou *não-pessoa*, na definição de Benveniste (1995:292), tudo o que excede aos amantes e ao sentimento amoroso.

Já se tomarmos as palavras de Barthes, em seu **Fragmentos de um discurso amoroso** (2003, p.39), segundo as quais “a linguagem nasce da ausência”, veremos que, devido a isso, o sujeito precisa falar, porque algo lhe falta. Dessa maneira, o indivíduo preenche as formas “vazias” da linguagem (BENVENISTE,1995, p.289), subjetiva-se frente a um *tu*, e a possibilidade de língua se concretiza, pensando-se na asserção de Benveniste (1995, p.83), segundo o qual “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua.”

O sujeito Mariana, portanto, sofrendo a ausência de seu amado, toma a língua como confidente e, ao mesmo tempo, como um meio de atingir seu amado (1995, p.93), e se subjetiva. Seu discurso prioriza o sentimento amoroso de que se vê sujeito e, a partir do qual, vê seu amado como objeto. Escolhe o gênero *carta de amor*, a fim de que possa, ao mesmo tempo, comunicar ao seu amado seu sofrimento devido a sua falta; e concretizar na língua a ausência que lhe origina como sujeito e, mais ainda, como sujeito amoroso.

Esta concretização, como enunciação que é, temporaliza-se como um *sempre presente*, na medida em que, mesmo falando do que aconteceu ou do que poderá acontecer, o sujeito fala no tempo da enunciação, no *agora*: “não há outro critério nem outra expressão para indicar ‘o tempo em que se está’ senão tomá-lo como ‘o tempo em que se fala. Este é o momento eternamente ‘presente’[...]’” (1995, p.289)

Dessa forma, na perspectiva enunciativa, o falar de amor do sujeito Mariana é sempre presente, porque se constitui como enunciação do dizer amoroso; e sempre dirigido a um *tu*, objeto do sentimento amoroso e interlocutor em potencial das cartas. O sujeito enunciador das cartas apresenta-se como centro do que enuncia, esperando ser entendido, segundo sua *intenção* enunciativa. Assim, fonte do dizer amoroso, o sujeito enunciador, de forma mais contundente que seu enunciatário, que só se enuncia pelo filtro da enunciação do sujeito Mariana, é sempre necessário, ou seja, imensamente subjetivo, sujeito de amor, mais nada.

O SUJEITO E A LÍNGUA NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: O DISCURSO DO SENTIMENTO AMOROSO ENQUANTO ILUSÃO DE TRADUZIR O INTRADUZÍVEL

Segundo Orlandi (1988, p.9), a vontade de completude é inerente ao sujeito e a tudo que este realiza. Vê-se bem, vontade, nunca certeza. E talvez exatamente por isso, por essa vontade que não se realiza plenamente nunca, fazem-se necessárias ilusões de completude, ilusões de domínio sobre si e sobre o mundo circundante.

A noção de sujeito de Eni Orlandi, em seu *A incompletude do sujeito: e*

quando o outro somos nós?, deriva de uma concepção discursiva da linguagem, que a vê como um trabalho, “uma forma de interação entre homem e realidade natural e social” (1988, p.9), e de uma concepção de texto enquanto processo de interlocução, sendo “o centro comum que se faz na interação entre falante e ouvinte”(1988, p.9).

Dessa forma, para haver linguagem, devem participar os sujeitos, em determinadas condições de produção, possibilitando o texto como fenômeno dessa interação. Orlandi (1988, p.10) ainda propõe uma teoria não-subjetiva do uso da linguagem, com o que, mesmo mantendo a importância da noção de sujeito, exclui dessa noção sua “centralidade” dentro do espaço discursivo. Nas palavras de Orlandi (1988, p.11):

Em suma, o dizer não é apenas o domínio do locutor, pois tem a ver com as condições em que se produz e com os outros dizeres, isto é, com os lugares em que ele passa. Eu diria: o dizer tem sua história.

Portanto, a noção de sujeito de Orlandi (1988, p.12) implica as noções de contradição e de incompletude, as quais são amenizadas pela *Ilusão* que constitui o sujeito como origem do seu dizer, e como limitador dos sentidos que enuncia. A *ilusão* que percorre o dizer do sujeito é descrita por Pêcheux, em seu **Semântica e discurso**, especificando-a na forma de *esquecimentos*,

Concordamos em chamar *esquecimento nº. 2* ao ‘esquecimento’ pelo qual todo sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, [...] um enunciado, forma ou seqüência, e não outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada.

[...]

Por outro lado, apelamos para a noção de ‘sistema inconsciente’ para caracterizar um outro ‘esquecimento’, o *esquecimento nº1*, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina.

Esses esquecimentos são necessários ao dizer do sujeito, uma vez que a constante “lembrança” das ilusões de autoria e de domínio sobre o dizer implicaria em um “não-dizer”. É preciso esquecer para enunciar, poder-se-ia dizer. Esquecer que o dizer agora enunciado já foi muitas vezes enunciado, tem uma história, constitui-se dentro de uma formação discursiva; lembrar apenas a sua “novidade”, de trazer uma historicidade, mas de se singularizar pelo seu tempo e suas condições de produção.

Essa contradição, de esquecer para lembrar, de ser velho para ser novo, juntamente com a vontade de completude presente no discurso são características do sujeito, como já exposto pelo discurso de Orlandi (1988). O sujeito, ao enunciar, procura uma “identidade”, pela qual deseja expressar-

se. Escolhe uma, porque sua condição de sujeito lhe oferta muitas. E essa escolha encontra-se numa dada formação discursiva que a vai guiar os passos, por assim dizer, permitindo ou não certos dizeres.

No caso das **Cartas portuguesas**, tem-se um sujeito Mariana, freira do convento de Beja, no interior do Portugal do século XVII (país e momento históricos imensamente marcados pelo catolicismo), que oscila entre a forma-sujeito “sóror” e a forma-sujeito “amante”, sendo a primeira uma espécie de “superego” de Mariana; e a primeira, seu “id”, para se fazer uso do vocabulário da psicanálise freudiana.

Dessa forma, ao tripartir a mente humana em instâncias, coube a Freud defini-las, ficando a cargo do “id” ou “isso” o pólo pulsional da personalidade²⁴; ao “superego” ou “supereu” o papel assimilável ao de um juiz ou de um censor, relativamente ao ego²⁵; restando ao “ego” ou “eu”, o lugar da pessoa humana como consciente de si e objeto do pensamento²⁶. Dessa forma, o “ego” é já, por assim dizer, uma tentativa de conciliar opostos, confirmando a noção de contradição, inerente ao sujeito de Orlandi (1988). A vontade de completude seria expressa, no caso das cartas, pelo fato de, entre as muitas possibilidades de identificação de Mariana (filha, irmã, portuguesa, mulher, etc.), ela assumir a forma-sujeito “amante”, não sem excluir as demais, mas abraçando-a mais completamente em seu discurso epistolar amoroso.

A língua, assim, é a possibilitadora do discurso de Mariana, ao mesmo tempo meio de comunicação entre si e o amado, e confidente das dores e conflitos da ausência do amado. “A linguagem nasce da ausência”, diria Barthes (2003), e, nesse caso, a linguagem nasce da ausência do amado francês de Mariana, que já foi presença, e por isso é agora abismo, buraco, incompletude. E, sendo o texto “o centro comum que se faz na interação entre falante e ouvinte” (ORLANDI :1988), ele permite a busca de completude de uma falta, uma interação entre sujeitos que se distanciaram, aumentando esse caráter por se tratar de um gênero epistolar.

As cartas de Mariana para seu amado buscavam a interação com este, e uma forma de desabafo possível, dentro da impossibilidade de enunciar sua paixão de outra forma, visto que, a sóror encontrava-se enclausurada no convento de Beja, sem interlocutores dispostos a ouvir suas dores por um amor que não fosse aquele oferecido à religiosidade. Para verificarmos esses fatores mais a fundo, partamos para a análise.

24 Disponível em: <http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>. Acesso em 08 de julho de 2007, às 12:22.

25 Disponível em: <http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>. Acesso em 08 de julho de 2007, às 12:23.

26 Idem

QUE SUJEITO É ESSE? TRAÇOS ANALÍTICOS DA SUBJETIVIDADE NAS *CARTAS PORTUGUESAS*

Se pensarmos as condições de produção do texto em análise, veremos que, em uma época que a Europa preparava-se para a florescência do Iluminismo, o país de sóror Mariana vivia a Contra-Reforma, sendo que ainda se encontrava sobre o domínio espanhol. De forma que quando Mariana conheceu seu cavaleiro, Portugal vivia as guerras da Restauração, fato pelo qual se deu a presença do oficial francês pelo qual a sóror se enamorara.

Segundo Moisés (2003:89), é em 1663 que Mariana conhece o oficial Chamilly e, em 1667, o militar regressa à França devido a um chamado superior. Ao princípio, esta separação amenizou-se pela troca de cartas entre os amantes, mas com o passar do tempo, a sóror viu suas cartas partirem sem volta, de forma que todo o sofrimento e agonia se estampam plenamente nas cartas que restaram e que transformaram-se num clássico da Literatura Mundial.

É digno de nota ainda o fato de Mariana ter nascido em 1640 e ter cedo entrado no convento de sua cidade natal, o Convento de Nossa Senhora da conceição (MOISÉS, 2003). Segundo Rector (1999), na Idade Média e no Renascimento, as opções de vida para as mulheres limitavam-se a duas: ou casavam-se ou teriam de viver na solteirice. Para as segundas, restava permanecer em casa dos pais ou passar a viver com a família de algum parente, de forma que tal família “lhe dava cama e comida em troca de seus serviços domésticos – uma empregada não remunerada vista mais como um estorvo” (RECTOR, 1999, p.164). Ou ainda entrar para o convento, que, segundo Rector (1999, p.164), “podia ser uma vocação ou uma conveniência”.

No estudo que faz sobre o lugar do amor [divino] nas hagiografias portuguesas, Mônica Rector (1999, p.176) destaca as razões de muitas mulheres desejarem ingressar na vida religiosa, são elas:

(1) por vocação, (2) para renunciar ao mundo e ter uma vida mais tranqüila e contemplativa; (3) por segurança, no caso de mulheres cujos maridos se deslocavam para além-mar ou em outras funções militares; (4) para ter um lugar para ser solteira; (5) por um casamento desfeito; (6) para obter autonomia e poder, o que não seria factível na sociedade civil masculina.

Assim, apesar de o romance de Mariana ter se passado no século XVII, em um período conhecido como Contra-Reforma, que na arte toma as formas do Barroco, por se tratar de Portugal, as condições citadas pelo estudo de Rector alcançam ainda bastante importância para o presente estudo.

Pensemos, mesmo que tenha entrado no convento por vocação, aos 23 anos, quando conhece Chamilly, esta é posta à prova. Sendo que o testemunho das cartas revela uma forte identificação com a forma-sujeito amante, em detrimento de suas outras formas-sujeito, que ou permanecem em latência, ou ganham menor voz.

Para Pêcheux (1997), três são as maneiras de identificação de um sujeito para com sua forma-sujeito, ele pode identificar-se a tal forma; pode contra-identificar-se a ela, ou seja, ainda identificando-se, mas já pondo em xeque alguns de seus preceitos; e ainda pode se desidentificar com sua forma-sujeito, de forma a esta deixar de pertencer-lhe, ao menos perante seus olhos.

No caso da sóror Mariana, o fato de conhecer o oficial francês põe à prova sua escolha religiosa, de forma que ela se contra-identifica com esta forma-sujeito, porque se vê mormente identificada com a forma-sujeito amante, a qual surge preponderantemente na leitura de suas cartas. A realidade dessas identificações, é interessante ressaltar, destacam-se nas figuras de linguagem usadas pela autora, dentre as quais abundam os jogos paradoxais, dilemáticos, que, segundo Moisés (2003, p.90) realizam-se tal “como pede a típica psicologia feminina e a própria essência do Barroco”. Daí talvez o porquê do sucesso de suas cartas no meio literário, principalmente fora de Portugal.

Identificar-se a forma-sujeito amante, por si só, já é motivo de duvidar de sua forma-sujeito religiosa, porque a primeira envolve a contemplação e possível divinização de um humano, o amante; e a segunda exige a renúncia ao humano para a total contemplação e dedicação ao divino. Segundo Rector (1999, p.171), “as santas nas hagiografias não se deixam afetar pelas tentações”, e por isso mesmo são santas, porque são tentadas, mas não sucumbem: “Há uma vontade anterior, fixa e determinada, de seguir o caminho da ascensão. Sua glória não é terrena”(1999, p.171).

Ao contrário das religiosas passíveis de serem santificadas, Mariana sucumbe à tentação, e não só se apaixona por um homem, como vive um romance com este, entregando-se a ele de forma fervorosa. Esse amor de entrega e intensidade desmedida caracteriza, segundo Stendhal (1957:33), o “amor-paixão”, próprio, ainda segundo o autor, à religiosa portuguesa e ao casal Heloísa e Abelardo, por exemplo.

Para tanto, não é de se estranhar as semelhanças entre os exemplos citados por Stendhal, sendo que o convento não teve força para diluir a intensidade da paixão de Mariana ou Heloísa, de forma que, os fatos ou o próprio tempo encarregou-se de abrandar a chama dos amantes masculinos, uma vez que havia já cessado o prazer sexual, de Chamilly, pela distância da amada e do possível encontro com outra (s) amante (s); e de Abelardo, dada a emasculação de sua sexualidade. Outra coincidência entre os pares é a troca de cartas, embora não integrem o conjunto as missivas de

Chamilly; além da própria questão da autoria, que é questionada nos dois casos. Porém, neste momento, não nos é relevante apontar mais semelhanças ou detalhar as citadas, pois uma vez que já conhecemos algumas das peculiaridades do sujeito-escritor das missivas, resta-nos buscar a maneira como esse se subjetiva frente ao texto.

O primeiro aspecto a ser destacado é a própria escolha do gênero para carregar os derrames líricos da sóror amante. Segundo Souza (1997, p.69), “a carta tem sido definida, notadamente no domínio da literatura, como um gênero de escritura confessional. Ou seja, ela é uma das formas de expressão possível para falar das experiências e segredos de intimidade”. Lembrando que Mariana é uma sóror, reclusa em um convento, de forma que tanto o seu relacionamento, quanto o relato deste teria de se fazer secretamente, dado seu caráter confidencial. Reiterando essa idéia, Souza (1997, p.69) ainda nos propõe que “o ato de escrever uma carta pessoal cumpre a regra fundamental do regime confidencial, que é de ser um ritual privado de interlocução, no qual o remetente revela-se sem se expor publicamente.

Para Souza (1997, p.11), portanto, a noção de subjetividade na troca epistolar supõe as noções de público e de privado, visto que um ato que se realiza num desses âmbitos exclui a realização no outro. Ou seja, se se pretende enunciar-se em público, não há a necessidade de fazê-lo como confidência; da mesma forma que a exigência do segredo, faz com que a enunciação no âmbito privado não possa alcançar o público, devido ao risco de desfazer o secreto, pondo perigo, por vezes, à vida social do enunciadador.

Assim, para Souza (1997, p.11) a subjetividade designa “um certo universo imaginário da experiência vivida, em que o indivíduo percebe-se como unidade separada e diferenciada ao lado de outros com os quais partilha o mesmo espaço social de confrontos e coerções”. Nas cartas, Mariana se percebe como “unidade separada e diferenciada” pelo discurso amoroso, mais precisamente pelo lugar de sujeito desse discurso. Ela, que é freira como as outras, que é mulher como as outras, que é portuguesa como as outras, diferencia-se como amante, pela força e pelo poder de argumentação que lhe dá o fazer parte do discurso de amor, o estar-enamorada. Lembrando as palavras de Ágaton, em seu discurso, em meio ao **Banquete**, de Platão (2005), segundo as quais “todos se tornam poetas quando Eros os ataca”. De forma que, se sóror portuguesa era, torna-se então poeta, pelo força de Eros, e derrama pela língua a confidência de seu amor.

Se, conforme Orlandi (2003, p.337), “estar no discurso de amor é experimentar a desnecessidade do dizer”, é esse discurso que “salva” o sujeito amoroso de sua solidão, para lançar-lhe nesse lugar de muitos, mas que, por sua enunciação, torna-se singular. Nas cartas, Mariana só é

Mariana, porque está no discurso de amor, porque nele se identifica, de forma que, se estas cartas são datadas do século XVII, seu discurso toca o “agora” e o “sempre”, que Orlandi denomina como a região do amor (2003, p.338).

Orlandi que já definira o sujeito por sua incompletude e contradição (1988, p.12), destaca a contradição como traço inerente ao discurso amoroso, de maneira que, se Mariana, pelo fato mesmo de ser sujeito, já era contraditória, agora, por estar inscrita no discurso de amor, duplica a contraditoriedade de si, aliada a incompletude de seu ser: uma mariana, muitas marianas, nenhuma definitiva.

Ainda na perspectiva de Orlandi (2003, p.339), “o discurso de amor seria um discurso que se promete e que, ao se cumprir, se nega como tal. No seu horizonte mesmo de possibilidade, ele se projeta no impossível”. Em sua primeira carta, Mariana promete: “Mas não importa! Estou decidida a adorar-te durante toda a vida e a não ter olhos para mais ninguém”; e na última carta, já cansada da indiferença do amado perante si, declara: “Estou convencida de que talvez venha a encontrar nesta terra um amante mais fiel e melhor”.

Para Mariana viver sua paixão, e mais precisamente, vive-la na ausência do amado é difícil, mas mais difícil é ter de renunciar a ela. O impossível no discurso de Mariana é a contraditoriedade do próprio sentimento que a toma, que no discurso epistolar se mostra pelas muitas interrogações, na maioria retóricas, ou seja, sem espera de resposta. A sóror pergunta e já responde como a desfazer sua pergunta, pois os apelos de um superego da religiosa se esvaem nos protestos do id da amante: “basta! basta!, infeliz Mariana, basta de te consumires em vão e de procurares um amante que atravessou o mar para fugir de ti [...]. Mas não!, Não posso resignar-me a fazer-te a injúria de pensar assim”.

Por tudo isso, reafirma-se, através das palavras de Orlandi (2003, p.347), a idéia de que “o discurso de amor pode, em suma, ser considerado um lugar privilegiado da textualização da relação do homem com a sua subjetividade”, pois que “o discurso de amor é um discurso subjetivo” (2003, p.347). Ou seja, o discurso amoroso só se faz por que há um sujeito que ama e enuncia sobre esse amor, de forma mais necessária que o tu, que pode por vezes não aparecer explícito, ou então designar o sentimento amoroso em si. Nas palavras de Orlandi, mesmo na poesia lírica, que surge como o lugar da expressão do afeto, há um discurso sobre o amor e não de amor. Ama-se o amor, ama-se o fato de estar possuído por Eros e, por isso, ser um quase-deus. Na epistemologia amorosa de Barthes, encontramos o lugar de “amar o amor” como o lugar da “anulação”, de forma que “o sujeito acaba por anular o objeto amado sob o volume do próprio amor: por uma perversão amorosa, é o amor que o sujeito ama, não o objeto”(2003, p.27).

Interessante pensar esse quesito proposto por Barthes e, de certa forma, já presente em Platão (2005), nas palavras de Fedro, segundo as quais: “o que ama é, de certa maneira, mais divino que o objeto amado, pois possui em si divindade; é possuidor de um deus”, pois tal quesito é também encontrado no discurso amoroso de Mariana. Em sua última carta a Chamilly, já cansada da indiferença do amado, proclama:

Estou convencida de que teria experimentado sensações menos desagradáveis amando-o, ingrato, embora, como é, do que deixando-o para sempre. Tive então a prova de que lhe quero menos do que à minha paixão, e suportei dores indescritíveis em a combater, depois que a infâmia da sua maneira de proceder o tornaram odioso aos meus olhos.

O sujeito Mariana tinha para si um sentimento que a distinguia das outras mulheres, tendo cedo ido para o convento, nunca provara de sensação semelhante, de forma que viver um romance com Chamilly, e depois viver o amor pelo discurso, era engrandecedor, de forma que amava o sentimento que a tomava, e amava a si mesma por ser digna dele.

Como um último quesito a constituir a subjetividade do texto de análise, resta destacar a figura da ausência, geradora do processo epistolar como um todo. A ausência do amado é que obriga a escrita de Mariana, uma vez que esta situação já fora contrária, isto é, de presença, restava intuir a linguagem dessa ausência, na tentativa de exprimir o impossível do dizer amoroso. Aqui, novamente retomamos as palavras de Barthes (2003, p.39), “A linguagem nasce da ausência”. Sim, porque se fosse presença, haveria o ato; e mesmo na enunciação da presença, pouco se tem a dizer, pois há já o comparecimento.

A figura da “ausência”, em Barthes (2003,p.35), destaca o lugar do “ausente” como prova do abandono de quem resente sua presença. Interessante destacar que Barthes defende a idéia de que o discurso da ausência é sustentado pela Mulher, de modo que “em todo homem que diz a ausência do outro, o *feminino* se declara” (2003, p.36). Por tudo isso, mesmo se pensando na questão da autoria como uma incógnita, há ainda a presença feminina a reclamar a ausência do amado, mesmo que somente como personagem Mariana.

Escrever a ausência é o desafio de Mariana. Buscar completude pelas palavras escritas nas cartas. Tentar encontrar sentido nos paradoxos sentimentais que a subjetivam. Uma sóror portuguesa desafiando sociedade e juízos em nome do amor. O amor que não tem como objeto o deus cristão, propriamente, mas que é já deus, e a semi-diviniza por tocá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos uma reflexão sobre a constituição da subjetividade nas **Cartas portuguesas**, atribuídas à sóror Mariana Alcoforado, foram necessárias outras leituras além das pensadas de início, pois muitas são as implicações desse tema.

Pensamos na questão enunciativa de Benveniste, na questão discursiva de Orlandi e Pêcheux, mas também nas condições de produção das cartas, e nas peculiaridades do discurso amoroso em si. Vimos que a subjetividade tem um lugar de destaque no discurso amoroso, de forma que, nesse discurso um precisa do outro para se constituírem plenamente: discurso no sujeito, sujeito no discurso, discurso-sujeito.

As cartas de amor de Mariana são um apelo amoroso diante de uma ausência, a confidência de um amor, que não pode ser enunciado publicamente, pois o sujeito amante, enunciatador das cartas, é uma religiosa, habitando um Portugal, em épocas de Contra-Reforma, portanto imensamente religioso e moralista. Mas antes de tudo Mariana é um sujeito identificado com a forma-sujeito amante, que ama o amor que a toma, que ama seu oficial francês, e que se ama, por se mostrar digna de Eros. O sofrimento que lhe causa o amor que sente é diminuído diante da idéia mesmo de ter amor, e de subjetivar no discurso amoroso, alcançando um outro lugar diante do espaço em que vive. Diante disso, finaliza-se com a ótica da sóror, de amar sem conta, apesar de tudo: “Adeus! Não posso mais! Adeus! Ama-me sempre e faze-me sofrer maiores males”.

REFERÊNCIAS

- ALCOFORADO, Mariana. *Cartas portuguesas*. Porto alegre: L & PM, 1997.
- BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*. v. i. Trad. Maria da Glória Novak et alii. Campinas: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*. v.ii. Trad. Maria da Glória Novak et alii. Campinas: Pontes, 1995.
- MOISÉS, Massaud. “Sóror Mariana Alcoforado”. In. MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- ORLANDI, Eni. “Palavra de amor”. In. *Saudades da Língua*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- _____. A incompletude do sujeito — e quando o outro somos nós? In: ORLANDI, Eni P. et alii. *Sujeito e texto*. São Paulo: EDUC, 1988.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PLATÃO. *Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2005. p. 93-166.

RECTOR, Mônica. “O amor divino das mulheres na Literatura Portuguesa”. In. DAVID, Sérgio (org). *Ainda o amor*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

STENDHAL. *Do amor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1957.

SOUZA. Pedro de. *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

ANEXO

APÊNDICE NECESSÁRIO

“É pois um amante que fala e que diz:”categorias do inserir-se na língua como sujeito amoroso

Barthes aproxima sua obra **Fragmentos de um discurso amoroso** de um apanhado de confissões sobre o amor e seus sujeitos, de forma a tomar tais fragmentos de confissões como categorias do dizer amoroso, daí a frase que antecede os topoi: “É pois um amante que fala e que diz:” (2003, p.2). O texto que baseia sua “colcha de retalhos” é a obra de Goethe, **Os sofrimentos do jovem Werther**, mas em meio às citações de Goethe, muitas outras têm lugar.

Para esse trabalho, tentamos reunir fragmentos de um outro discurso amoroso, o discurso da freira Mariana, em suas **Cartas portuguesas**, tentando, porém, manter as categorias propostas por Barthes (2003). Temos assim, na primeira das cinco cartas, esse lugares:

“EU ME ABISMO, EU SUCUMBO...”(2003:3) – abismar-se

“Proibia a mim própria regressar a uma vida que devo perder por ti, já que para ti a não posso conservar. Finalmente, e mau grado meu, voltei a ver a luz, e comprazia-me ao sentir que morria de amor.” (1997, p.13,14);

“O INTRATÁVEL” - afirmação

“Parece-me, contudo, que chego até a prezar as desgraças de que és a única causa: dediquei-te a minha vida assim que te vi e sinto algum prazer sacrificando-a a ti.”(1997, p.12).“Mil vezes ao dia dirijo a ti os meus suspiros: eles procuram-te em toda a parte e, como recompensa de tantas inquietações, apenas me trazem o aviso demasiado sincero de não suportar que eu me iluda e que a cada passo me diz: basta! basta!, infeliz Mariana, basta de te consumires em vão e procurares um amante que nunca mais voltarás a ver;[...]. Mas não! Não posso resignar-me a fazer-te a injúria de pensar assim e tenho demasiado interesse em te justificar.”(1997, p.12).“Mas

não importa! Estou decidida a adorar-te durante toda a vida e a não ter olhos para mais ninguém.” (1997, p.14).“Por que não me deixaste em paz no meu convento? Tinha-te feito algum mal? Perdoa-me! Eu não te culpo de nada!” (1997, p.15).“Ai de mim! Louca que sou! Bem me dou conta de que isso não é possível!” (1997:16)

“UM PONTINHO DO NARIZ” - alteração

“Considera, meu amor, até que ponto foste imprevidente! Oh! infeliz, que foste enganado e a mim enganaste também com esperanças ilusórias.” (1997, p.11)

“[...]basta!basta!, infeliz Mariana, basta de te consumires em vão e de procurares um amante que nunca mais voltarás a ver; um amante que atravessou o mar para fugir de ti, que está na França no meio dos prazeres e nem por um momento pensa nas tuas dores; um amante que te dispensa de todos esses transportes, que nem sequer te agradece.” (1997, p.12)

AGONY- angústia

“De modo nenhum quero imaginar que me tenhas esquecido. Não sou eu já suficientemente infeliz, mesmo sem me atormentar com falsas surpresas?”(1997, p.12,13).

AMAR O AMOR – anulação

“[...] comprazia-me ao sentir que morria de amor.” [...] “Poderias, acaso, contentar-te com uma paixão menos ardente que a minha? Encontrarás, talvez, maior beleza [...], mas não encontrarás jamais amor tamanho – e o resto não conta.” (1997, p.14)

O AUSENTE – ausência

“Uma paixão sobre a qual tinhas feito tantos projetos de prazeres não te causa agora mais do que um mortal desespero, só comparável à crueldade da ausência que o provoca. E esta ausência, para a qual minha dor, por mais que se esforce, não consegue encontrar um nome assaz funesto, há de então privar-me para sempre de fitar esses olhos onde eu via tanto amor[...].”(1997, p.11).“Ai de mim! Os meus [olhos] encontram-se privados da única luz que os animava[...].”(1997, p.11).“[...] um afastamento que não posso suportar e me fará morrer em pouco tempo.” (1997, p.12).“Mil vezes ao dia dirijo a ti os meus suspiros: eles procuram-te em toda a parte[...].”(1997, p.12).“Como podem ter-se tornado tão cruéis as lembranças de momentos tão agradáveis?” (1997, p.13).“Mas poderei eu alguma vez viver sem males, enquanto não voltar a ver-te?” (1997, p.14)

CARTA DE AMOR – carta

“Mil vezes ao dia dirijo para ti os meus suspiros: eles procuram-te em toda parte e, como recompensa de tanta inquietações, apenas me trazem o aviso demasiado sincero da minha triste sorte, que tem a crueldade de não suportar que eu me iluda[...].”(1997, p.12) “Ai de mim! A tua última carta deixou-o [meu coração] num lamentoso estado! Tão sensíveis foram as suas palpitações que até parecia fazer esforços por se separar de mim e ir

ao teu encontro!” (1997, p.13) “Deixa de encher as tuas cartas com coisas inúteis e nunca mais me escrevas a dizer que me lembre de ti. Eu não posso te esquecer, como também não esqueço que me deste esperanças de vir passar algum tempo comigo.” (1997, p. 14-15) “Se me fosse possível sair deste malfadado claustro, não esperaria em Portugal que se cumprissem as tuas promessas” (1997, p.15) “Confesso, no entanto, que a oportunidade que o meu irmão me proporcionou de te escrever me trouxe alguns momentos de alegria e suspendeu por instantes o desespero em que me encontro” (1997, p.15) “Se tens algum interesse pela minha [vida], escreve-me muitas vezes. Bem mereço que te dêes ao cuidado de me informar sobre o estado do teu coração e da tua vida. Peço-te, sobretudo, que me venhas ver! Adeus ! não posso largar este papel! Ele cairá nas tuas mãos: bem quisera ter eu a mesma sorte! Ai de mim! Louca que sou!” (1997, p.16)

A CATÁSTROFE – catástrofe

“Ai de mim! A tua última carta deixou-o [meu coração] num lamentoso estado! Tão sensíveis foram as suas palpitações que até parecia fazer esforços por se separar de mim e ir ao teu encontro! Todas estas emoções tão violentas me acabrunharam a tal ponto que, por espaço de mais de três horas, fiquei desfalecida! Proibia a mim própria regressar a uma vida que devo perder por ti, já que para ti a não posso conservar.” (1997, p.13) “Depois destes acidentes, sofri muitas e variadas indisposições” (1997, p.14) “Agora já só desejo ser sensível às minhas dores” (1997:15) “Adeus! Não posso mais! Adeus!” (1997, p.16)

ELOGIO DAS LÁGRIMAS - chorar

“Ai de mim! Os meus encontram-se privados da única luz que os animava e só lhes restam as lágrimas; não os tenho usado senão para chorar incessantemente desde que soube que estavas decidido a um afastamento que não posso suportar e me fará morrer em pouco tempo” (1997, p.11-12)